

Átila, o Huno

Átila, o huno, de Dick Lowry, lançado em 2001, narra a história de Átila, o rei dos hunos, considerado um dos maiores guerreiros e líderes militares da história da Antiguidade, que interveio não só na sociedade huno, mas na história dos reinos germanos, do Império Romano e de sua queda. Geralmente, é lembrado de forma negativa no imaginário popular como o “flagelo dos deuses”, bárbaro, cruel e extremamente violento, que destruía tudo que encontrava pelo caminho. Mas, na Hungria, os hunos são considerados povos ancestrais, e Átila, um herói nacional. Ao longo dos séculos, houve muita controvérsia com relação ao seu lugar de origem, sua aparência e a história dos hunos, sobretudo porque existem poucos registros sobre ele e seu povo e não há documentos produzidos pelos próprios hunos. A principal fonte sobre os hunos foi escrita por Prisco de Pânio, um diplomata e historiador que conheceu Átila pessoalmente, enquanto membro de uma missão diplomática de Teodósio II, Imperador do Império Romano do Oriente, na corte do soberano huno em 449. Devido à escassez de registros, os historiadores, antropólogos e arqueólogos têm se esforçado em juntar fragmentos que possam contribuir para o conhecimento sobre Átila e a cultura e história hunas.

O filme inicia com um grupo de hunos, entre eles, Átila ainda criança e seu pai Mundzuk, caçando montados a cavalo com seus arcos disparando flechas com exatidão e potência extraordinárias contra um cervo, em pleno galope. Após a caçada, seu pai lhe diz que os hunos vão conquistar as terras ocidentais. Quando chega em casa, Átila pergunta a sua avó sobre essas terras e ela lhe conta que o pai dele já esteve lá quando era jovem e que, segundo uma profecia huno, quando o grande rei chegasse, eles as conquistariam. Na cena a seguir, a câmera faz um passeio, dando uma visão panorâmica do acampamento huno com suas tendas, carroças, práticas culinárias e inúmeras carcaças de cabeças de cavalos espalhadas por todos os lugares, quando uma tribo rival huno invade o lugar assassinando todos e deixando órfãos Átila e seu irmão mais velho, Bleda.

Átila foge da emboscada e é mostrado cavalgando pelas estepes durante semanas, dormindo no dorso do cavalo e se alimentando do sangue do animal por meio de pequenos cortes em seu pescoço. Ele é encontrado por seu tio, o rei huno, Rúgilas, e levado para viver com ele e seu irmão Bleda, que também escapara do ataque.

Essa representação do huno dormindo no dorso do cavalo e se alimentando do sangue do animal pode ter sido baseada nas descrições dos hunos elaboradas pelo historiador romano Amiano Marcelino (325 e 330-391):

[...] eles se alimentavam de raízes de plantas silvestres e de carne meio crua, macerada entre as coxas e o lombo do cavalo [...]. Quando cavalgam, acredita-se estarem pregados em suas montarias, pequenas e feias, mas infatigáveis e rápidas como relâmpagos; passam sua vida a cavalo; a cavalo se reúnem em assembleias, compram, vendem, bebem, comem e até dormem às vezes. Nada se

igual a destreza com que lançam, a distância prodigiosa, suas flechas armadas de ossos afiados, tão duros e mortíferos como o ferro (Apud SONSOLES, 1991, p. 41-42).

Pouco se sabe sobre o modo de vida huno e esse relato é de um romano, mas tanto o filme quanto o discurso de Marcelino permitem discutir o uso e significado dos cavalos para os hunos, bem como o papel central do arco e da flecha na caça e nas vitórias militares sobre os romanos e outros povos. Numa cena, Átila diz a outro huno que o cavalo e o guerreiro huno são um só. Em outro momento, ainda criança, ele se aperfeiçoa nas técnicas hunas de feitura de arcos e flechas com seu tio Rúgilas.

Segundo o historiador John Man (2006, p. 19), os hunos eram cavaleiros de uma espécie jamais vista, que cavalgavam como que pregados aos cavalos, forjados com as selas de forma que o cavaleiro e a montaria pareciam feitos de uma única peça, como fossem centauros. Esse exímio domínio da montaria deu aos hunos vantagens sobre os romanos e outros povos. O formato da sela, alta na frente e atrás, permitia que o cavaleiro huno ficasse preso e pudesse virar o corpo em qualquer direção para atirar, o que permitia cavalgar em alta velocidade, usando flechas no ataque e na retirada, transformando o cavalo numa máquina de guerra. Segundo a historiadora Maria Sonsoles Guerras, “eram um povo guerreiro por excelência e sua força estava na cavalaria” (1991, p. 41).

Para Man (2006, p. 39), eram necessárias muitas habilidades para confeccionar o arco huno, uma tarefa que levava anos para alcançar o domínio dos materiais, da largura, do comprimento, da espessura, do afunilamento, da temperatura, do tempo necessário à fixação da forma e dos incontáveis ajustes finos. Por isso, os resultados notáveis dos arcos e flechas hunos durante as batalhas.

De acordo com historiadores (SANTOS, 2011, p. 82), Átila teria nascido nas estepes da Panônia (atual Hungria), por volta de 405, quando os hunos se fixaram nessa região. Era filho de Mundzuk e sobrinho do rei Rúgilas, ou seja, era parte da família real huno. No filme, a informação da avó de Átila de que os romanos já conheciam os hunos é comprovada historicamente. Como assevera Santos (2011, p. 84), os hunos, sob a liderança de Balamir, destruíram o poderio godo na Europa, destruindo o reino ostrogodo em 375 e empurrando os visigodos contra o Império em 376. A partir daí, os hunos promoveram uma série de incursões contra seus vizinhos, incluindo a invasão de 395 contra o Império Romano do Oriente (SANTOS, 2011, p. 84). Durante esse período, os hunos também forneceram mercenários para lutarem ao lado de Roma em troca de terras e riquezas como, por exemplo, na Gália. Apesar de não conhecermos como foi a infância e a adolescência de Átila, é nesse contexto que ele nasce.

Com Bleda e Átila já adultos, o filme mostra que há uma disputa entre os irmãos pela futura sucessão do rei Rúgilas, sendo Bleda favorecido por ser o primogênito. No conflito entre ambos, Bleda mata o tio e é morto por Átila, que se torna o único rei dos hunos em 435. No entanto, segundo registros históricos, Átila e Bleda sucederam juntos seu tio Rúgilas no comando do imenso Império Huno

(SANTOS, 2011, p. 82). Bleda só veio a morrer dez anos mais tarde, por volta de 445, provavelmente assassinado pelo próprio Átila, que passou a ser o governante único do Império dos hunos (SANTOS, 2011, p. 85), com autoridade sobre vários povos, como alanos e godos, entre outros. Na época, o Império Romano do Oriente também pagava tributos para Átila não invadir Constantinopla e seus territórios (SANTOS, 2011, p. 85).

No filme e nas poucas fontes existentes, após os acordos com o Império do Oriente, Átila se volta contra o Império do Ocidente. Na película, Valenciano, o Imperador do Império Romano do Ocidente, diz que foram os hunos que colocaram os godos contra eles e que ajudaram a dividir o Império em dois: Ocidental e Oriental. Os hunos interviram na história dos godos, de outros povos vizinhos e na queda do Império Romano, mas não podem ser os únicos responsabilizados, pois o Império já se encontrava, desde o século III, em crises internas, políticas, econômicas e militares e enfrentava externamente, inúmeras invasões e migrações de povos “bárbaros” como visigodos, burgúndios, ostrogodos, vândalos, francos e saxões, entre outros. Segundo a historiadora Norma Musco Mendes, O Império Romano se expandiu além das fronteiras, destruindo as condições de sua existência (1998, p. 415).

Nesse contexto, a decisão de Átila de invadir a parte ocidental do Império foi planejada com base em informações sobre as debilidades do regime romano (SONSOLES, 1991, p. 58), o que pode ser considerado uma grande estratégia política. É diante da ameaça hunica no Ocidente que vemos, no filme, a cena em que Plácida, a mãe de Valenciano, imperador do Império do Ocidente, é obrigada a tirar da prisão seu general Flávio Aécio, preso por conspiração contra Roma. Na película, ele é solto por ser considerado um militar que conhece os hunos, seus costumes e o rei Rúgilas. No diálogo entre Plácida e Flávio Aécio, é dito que os hunos são uma ameaça ao Império há décadas, fala-se da fragilidade das fronteiras romanas por ausência de tropas e das invasões ao Império Oriental pelos hunos, informações que estão presentes nos documentos históricos do período.

Na película, quando Flávio Aécio sai da prisão, torna-se o comandante-geral do Império do Ocidente e busca uma aliança com o rei Rúgilas (ainda vivo nesse momento da narrativa) na luta contra os visigodos, cujo rei era Teodorico. Os hunos, comandados por Átila junto com os romanos, vencem a batalha contra os visigodos e o rei dos hunos é convidado por Aécio para conhecer Roma. Durante sua estadia na cidade, Aécio diz para Átila que: “Roma é sinônimo de majestade, beleza e conhecimento. Por mil anos tem sido a luz do mundo. O coliseu, o Senado, os Fóruns, os teatros, os aquedutos que trazem água de centenas de quilômetros para vivermos como pessoas civilizadas e não como animais selvagens [...] a civilização pertence aos civilizados e não aos bárbaros”.

Não há menção nas fontes sobre uma visita de Átila a Roma, mas o filme possibilita a problematização da ideia de civilização *versus* barbárie. Segundo Sonsoles (1991, p. 5), o termo bárbaro é uma herança grega. Em grego, bárbaro designava pejorativamente aquele que possuía uma língua incompreensível, que não compartilhava nem dos costumes, nem da civilização greco-romana; por isso os hunos eram vistos como incultos, selvagens, inferiores, sujos e animais. Atualmente,

historiadores e antropólogos rejeitam o conceito de civilização por considerá-lo impregnado por uma perspectiva evolucionista, como uma culminância de etapas sucessivas em direção a uma cultura superior antecedida por períodos de selvageria e barbárie. Nessa nova perspectiva, os pesquisadores valorizam a ideia de diversidade cultural e diferentes formas de organização social, repelindo a noção de tempo contínuo e evolutivo, igual e único para toda humanidade. Nesse sentido, é preciso uma leitura crítica dessas representações depreciativas, que subalternizam os hunos e outros povos da Antiguidade e que tendem a reafirmar a superioridade da história e cultura greco-romanas.

Após várias vitórias contra outros povos e o Império Romano, como mostrado no filme e na historiografia, Átila é derrotado por uma aliança entre romanos e visigodos comandados por Teodorico, na batalha de Châlons. Após a derrota, a película mostra que Átila retorna para seu clã e é morto envenenado na noite de núpcias pela escrava de uma tribo dominada com a qual se casou.

O filme termina com uma voz em *off* dizendo que, após a morte de Átila, os hunos se dispersaram e ninguém conseguiu uni-los novamente. Diferentemente do filme, fontes afirmam que Átila morreu em sua noite de núpcias com uma princesa germânica Ildico, sua última esposa. A morte de Átila em 453 ainda está envolta em mistérios, mas é descrita como tendo sido causada por um problema de saúde ou uma suposta vingança de Ildico contra Átila, em decorrência de alguma matança que os hunos teriam promovido contra seu povo anos antes (SANTOS, 2011, p. 87). Após sua morte, o Império Huno desmoronou diante de disputas dinásticas entre os vários filhos de Átila, combinadas com a revolta de povos então sob domínio huno. Nunca mais os hunos tiveram o mesmo poderio na Europa, sendo destruídos por povos como os ávaros e búlgaros, nos séculos VI e VII (SANTOS, 2011, p. 87).

Por meio da película, o professor/a professora pode problematizar a ideia de “invasões” debatendo as relações entre hunos, povos germanos e o Império Romano, representado, na narrativa fílmica, pelo comandante Flávio Aécio. O espectador vê que Átila, de inimigo de Roma, torna-se aliado em uma batalha vitoriosa contra os visigodos, comandados por Teodorico. Em outro momento, são os visigodos que se aliam aos romanos contra os hunos, derrotando-os, o que se caracteriza como uma rede “de trocas e alianças políticas” (MENDES, 1998, p. 404). Trocas econômicas, políticas e culturais também são comprovadas por estudos arqueológicos e históricos, o que mostra relações dinâmicas e contraditórias entre Império e povos germanos (MENDES, 1998, p. 413). Um exemplo de troca cultural pode ser evidenciado no filme nas cenas em que, após sua visita a Roma, Átila passar a se vestir com manto vermelho que lembra o vestuário de imperadores romanos e constrói uma terma romana em seu acampamento. De acordo com o historiador Prisco, que conheceu Átila, este possuía uma terma romana em seus aposentos. Enfim, para além de invasões, saques e pilhagens, houve trocas comerciais e culturais, bem como participação de germânicos no exército romano e na política romana, migrações e assentamentos consentidos nos territórios do Império (MENDES, 1998).

Um aspecto que o filme permite debater é a aparência de Átila. No filme, já adulto, o rei dos hunos é representado pelo ator Gerard Butler, um galã hollywoodiano com traços ocidentais e olhos azuis, imagem muito diferente da de seu irmão Bleda, representado com traços asiáticos mais condizentes com o fenótipo de um descendente dos tártaros mongóis. Nos documentos históricos, Átila e os hunos são sempre descritos como tendo uma aparência repugnante. Amiano Marcelino, historiador romano, descreve os hunos como “atarracados, de pescoços grossos, prodigiosamente feios e curvados que poderiam ser animais de duas pernas” (apud MAN, 2006, p. 61). Nesse sentido, o debate sobre esse tema deve levar em conta os padrões de beleza dos gregos e romanos, que desvalorizavam qualquer aparência e estética não europeias.

Outra questão a ser debatida é o estupro e a objetificação sexual das mulheres. No filme, N’kara, uma escrava ruiva de uma tribo conquistada por Átila, é tomada por Bleda como espólio de guerra e é estuprada sucessivamente. Durante a estadia de Átila em Roma, comentando sobre o rei dos hunos, Honória, irmã do Imperador Valentiniano, diz para uma amiga: “Ele é muito atraente de um jeito primitivo”. A amiga fala: “As roupas dele foram feitas de pele de animal”. Honória responde: “Ele hoje estará sem elas”, insinuando que seduzirá o rei dos hunos, o que acaba ocorrendo, com os dois se relacionando sexualmente numa terma romana. Enquanto ficam juntos Honória diz para Átila que: “não é bom uma mulher ser inteligente em Roma. E se uma mulher só pode ter poder através de um homem, então que seja o mais poderoso que ela encontrar”.

Sobre os estupros sucessivos sofridos por N’kara, é necessário um olhar atento do professor/da professora para discutir criticamente o tema, mostrando que essa prática terrível não é banal e natural, mas construída sócio-historicamente e fundamentada em concepções machistas de “empoderamento masculino sob o corpo das mulheres”. Ou seja, “o poder dos homens se manifesta no domínio sexual das mulheres”. Oliveira (2017), ao analisar as imagens de estupro nos livros didáticos de história, mostra que é comum a agressão sexual aparecer como um subproduto das guerras ocorridas ao longo da história europeia e do Brasil, sem nenhuma análise crítica.

O filme permite debater o significado do estupro durante guerras e insurreições como uma forma de prova de poder masculino para expressar a derrota do inimigo, simbolizando a sua destruição como força de respeito e poder. “A redução moral é um requisito para que a dominação se consuma e a sexualidade, no mundo que conhecemos, é impregnada de moralidade” (SEGATO apud OLIVEIRA, 2017, p. 22). Possibilita ainda problematizar o papel central da agressão sexual como arma de guerra produtora de crueldade e letalidade no corpo feminino. Desde as guerras da Antiguidade, o corpo das mulheres foi tratado como um território de posse dos homens e como uma conquista e anexação dos grupos inimigos. Nesse sentido, o estupro de N’kara necessita de leituras que associem a violência sexual sofrida pelas mulheres ao machismo, para desnaturalizar a posse e o poder dos homens sobre o corpo feminino e combater as violências de gênero no passado e presente.

No diálogo entre Honória e sua amiga, a irmã do Imperador é objetificada sexualmente, ao ser mostrada usando o sexo para obter proteção e favores de homens poderosos, como Átila. É uma narrativa machista e essencialista que vê as mulheres sempre a partir da sexualidade e sedução, ou seja, a partir do uso que fazem de seus corpos perante os homens. A imagem machista/patriarcal da mulher sensual que usa o corpo/sexo para atingir seus objetivos é fundamentada na velha imagem da Eva sedutora. Eva é associada à insaciedade e aos pecados sexuais, vítima e agente do Diabo, cujo pendor para o mal e para os prazeres da carne ligava-se à longa tradição cristã, desde a noção de pecado original que atribui a Eva a expulsão do Paraíso por sucumbir aos artifícios da serpente/Diabo e levar toda a humanidade à Queda. Nesse sentido, as mulheres descendentes de Eva eram consideradas seres carnis por natureza, dadas a todos os tipos de vícios. É preciso então desconstruir essas representações pejorativas que condicionam as mulheres ao uso de seus corpos e ao sexo e que contribuem na persistência de violências, hierarquias e desigualdades de gênero no presente.

Referências Bibliográficas

GUERRAS, Maria Sonsoles. **Os povos bárbaros**. São Paulo: Ática, 1991.

MAN, John. **Átila, o huno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

MENDES, Norma Musco. A descaracterização do sistema de domínio imperial romano no Ocidente. **Phoínix**, Rio de Janeiro, n. 4, 1998, p.403-418.

OLIVEIRA, Susane Rodrigues de. Guerras e violência sexual nos livros didáticos de história brasileiros: análises e orientações pedagógicas feministas. STEVENS, Cristina; SILVA, Edlene; OLIVEIRA, Susane de; ZANELLO, Valeska (orgs). **Relatos, análises e ações no enfrentamento da violência contra mulheres**. Brasília, DF: Technopolitik, 2017, p. 131-167.

SANTOS, Eduardo Consolo dos. A presença de Átila na Canção dos Nibelungos: uma análise da maneira como o grande chefe huno foi retratado no épico germânico. **Brathair** 11 (1), 2011, p. 81-94.